

Alexandre Agnolon

A devida compreensão, por parte da audiência, dos procedimentos empregados na construção do discurso, inclusive poético, ocorre em função de poeta e público compartilharem os mesmos códigos discursivos que permitem ao leitor apreender não apenas o conteúdo dos escritos num primeiro nível de leitura, mas, principalmente, decodificar com “os olhos do espírito” – ou com os “olhos incorpóreos”, *incorporeis oculis*<sup>1</sup> – todas as partes do discurso e discernir o emprego dos protocolos discursivos. Esse *background* comum, conforme expressão de Cairns<sup>2</sup>, consolida-se no interior da educação retórica; em outras palavras, no interior de uma formação educacional na qual a retórica desempenhava papel primordial, não só como preceituação das categorias discursivas, mas sobretudo como elemento sistematizador e estruturador do conhecimento: mormente durante a chamada *Segunda Sofística*, diversos filósofos não conseguiram apagar a fama de sofistas<sup>3</sup>. Ademais, é notório que filósofos do período participavam de declamações públicas com o fito de expor suas doutrinas, ao modo das grandes exposições de sofistas que demonstravam seu engenho nas salas de audição ou até em teatros<sup>4</sup>. Em resumo: a formação do cidadão, *ciuis* (isso inclui também o próprio poeta), passa não de outro modo pela Retórica, o que torna educada a leitura dos textos e, digamos, “refinada” a composição de poesia. Ora, Teão, na introdução de seus exercícios, não somente pressupõe que oradores, poetas e

---

<sup>1</sup> “A enargia é representação, que sujeita a ação **aos olhos incorpóreos** e se faz de três maneiras: pessoa, lugar e tempo. Pessoa: quando falamos com alguém que está ausente como se estivesse presente. Lugar: quando descrevemos um lugar que não está à nossa vista, como se o estivessemos vendo. Tempo: quando utilizamos o passado como presente”, *Enargeia est imaginatio, quae actum incorporeis oculis subicit et fit modis tribus: persona, loco, tempore. Persona, cum absentem alloquimur quae praesentem. [...] Loco, cum eum, qui non est in conspectu nostro tanquam uidentes demonstramus [...] Tempore, cum praeterito utimur quasi praesenti*”. *Schemata Dianoemas quae ad Rhetores Pertinent, Iulii Rufiniani*. In HALM, Carolus, *Rhetores Latini Minores*, 1868, p. 71. Tradução nossa. João Adolfo Hansen (*op. cit.*, 2006, p. 13) diz que “o efeito da *enargeia* ou *euidencia* é o da imagem que põe sob os **olhos incorporais** da mente um *topos* retórico semelhante à opinião considerada verdadeira sobre o *eidos*. Descrito verbalmente, o *topos* também pode ser pintado ou esculpido, pois o fundamental nessa visão não é a reprodução de coisas empíricas, mas a imagem intelectualmente construída como (des)proporção do *logos* – razão e discurso – referido ao *eidos*”.

<sup>2</sup> Cf. CAIRNS, *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 1972 *op. cit.*, 1972, p. 7.

<sup>3</sup> FILÓSTRATO, I, 488.

<sup>4</sup> BOULANGER, A. *Aelius Aristide et la Sophistique dans la Province d’Asie au II Siècle de Notre Ère*, 1968, p. 51 *apud* TEÓN, HERMÓGENES, AFTONIO. *Ejercicios de Retórica*. Introducción, traducción y notas de Maria Dolores Reche Martine. Biblioteca Clásica Gredos (158). Madrid: Editorial Gredos, 1991, p. 9.

prosadores fazem uso das doutrinas que pretende ensinar, mas sobretudo objetiva oferecer repertório suficiente, a fim de que o aprendiz seja capaz de identificar o uso dos *tópoi* em discursos de ordem variada:

Teão, 70.

[...] ταῦτα μὲν οὖν παρεθέμην, οὐ νομίζων μὲν ἅπαντα εἶναι πᾶσιν ἀρχομένοις ἐπιτήδεια, ἀλλ' ἵνα ἡμεῖς εἰδῶμεν, ὅτι πάνυ ἐστὶν ἀναγκαῖον ἢ τῶν γυμνασμάτων ἀσκήσεις οὐ μόνον τοῖς μέλλουσι ῥητορεύειν, ἀλλὰ καὶ εἴ τις ἢ ποιητῶν ἢ λογοποιῶν ἢ ἄλλων τινῶν λόγων δύναμιν ἐθέλει μεταχειρίζεσθαι. [...]

Com efeito, apresentei estas coisas [exemplos] não por considerá-las todas convenientes a todos aqueles que se iniciam [nesta arte], mas com o intuito de observarmos que a prática destes exercícios é sem dúvida necessária, não somente aos que devem se tornar oradores, mas também no caso de qualquer um que deseje dominar **a habilidade quer de poetas, quer de prosadores, quer do restante dos outros [gêneros] de discursos**<sup>5</sup>.

Não é à toa que as doutrinas retóricas que nos chegaram possuíam, com efeito, caráter pedagógico: a título de exemplo, vejamos o que Cairns<sup>6</sup> diz acerca dos *propemptika* de Menandro rétor:

Quando Menandro continua a detalhar as instruções para a composição de um *propemptikon* [discurso de adeus àquele que parte], essas instruções são para um exemplo do segundo tipo, a saber, o discurso de um igual para um igual. Esse exemplo é *schetliastico* [ou seja, do tipo em que o orador busca persuadir o viajante a não partir por meio de apelos e protestos] e, neste aspecto, assemelham-se à maioria dos *propemptika* conhecidos. [...] Alguns detalhes do exemplo de Menandro do *propemptikon* de um igual para um igual se insinuam numa razão secundária. Esses detalhes tornam claro que as circunstâncias imaginadas do discurso são a de um discípulo da escola de retórica que retorna para casa depois de completar seus estudos retóricos e a de um colega que, permanecendo na escola, dirige-lhe um discurso. **Isso sugere que Menandro explorou, e sem dúvida outros mestres de Retórica, as partidas dos discípulos que completaram seus cursos como ocasiões para exercitar os alunos remanescentes na prática dessa espécie de discurso e que, portanto, a prescrição de Menandro da variante “igual para igual” tinha a intenção de ajudar seus discípulos a compor *propemptika* nessas circunstâncias. Essa sugestão é confirmada por outro detalhe do relato de Menandro: ele oferece como exemplo do tipo “superior para um inferior” o *propemptikon* feito por um mestre a dizer adeus a seu discípulo. Sem dúvida, quando um aluno partia, o mestre de Retórica conduzia ou coroa os esforços *propemptikos* de seus pupilos remanescentes para seu colega, que partia**<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> A. THEON, *op. cit.*, 1997, p. 15. Tradução nossa; grifo nosso.

<sup>6</sup> CAIRNS, *op. cit.*, 1972, pp. 9-10.

<sup>7</sup> Tradução nossa; grifo nosso.

No caso de Menandro, especificamente, a partida de algum discípulo, como diz Cairns, se configurava ocasião conveniente para o exercício da prática oratória, imprescindível ao futuro cidadão. Evidentemente, essas ocasiões serviam também como forma de “batizar” o engenho oratório daquele que partia. Marrou<sup>8</sup>, analogamente, demonstra também o caráter ostensivo das escolas de Retórica em Roma, a tal ponto que o próprio Estado passa a financiar seu ensino mediante construção de espaços adequados para que o mestre ministre sua doutrina:

Como seu humilde confrade, o *magister ludi*, o retórico ensinava à sombra dos pórticos dos foros, mas não se contentava com uma simples loja: o Estado (no Baixo Império e, talvez, desde Adriano) punha à sua disposição belas salas em êxedra, arranjadas como um pequeno teatro, abertas ao fundo dos pórticos: *schola* do foro de Trajano, êxedras do fórum de Augusto em Roma, êxedras do pórtico norte do Capitólio em Constantinopla: tipos de construção e de arranjo tomados pelos arquitetos latinos às salas que serviam a fim análogo nos ginásios gregos.

O ensino do *rhetor Latinus* tem por objetivo, como o do σοφιστής grego, o domínio da arte oratória, tal como o assegura a técnica tradicional, o sistema complexo das regras, de procedimentos e de normas progressivamente estabelecidos pela escola grega a partir da geração dos Sofistas. Ensino inteiramente formal: comunicar as regras, habituar a servir-se delas.

Essas evidências reforçam, por seu turno, a importância da Retórica para a formação de qualquer homem letrado nos séculos que se seguiram a Aristóteles. Talvez os tratados que mais evidenciem isso sejam os *Progymnasmata* ou *Exercícios Preparatórios*, que foram tratados compostos por rétores gregos entre os séculos I e IV d.C., que compilaram uma série de exercícios, cujo fim era exercitar seus discípulos na arte da Retórica, tornando-os, assim, aptos para almejar instâncias superiores que compreendiam o estudo aprofundado da Retórica ou da Filosofia, ou seja, a prática dos *Exercícios* era necessária para o ingresso do aluno à instância adulta da educação antiga. Cada um dos exercícios progymnasmáticos possuía, com algumas diferenças, uma estrutura comum: primeiro, o tratadista oferecia uma breve definição do exercício e, caso houvesse, subclassificações dele; em seguida, prescrevia as principais características, virtudes e regras necessárias para que o aluno executasse convenientemente a lição. Esses procedimentos eram referidos pelos autores, precipuamente, pelos seguintes termos: τόποι, ἀφορμαί e, finalmente, κεφάλαια (“lugares de argumentação”, “fontes de argumentação” e “princípios de

---

<sup>8</sup> MARROU, H. I. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: Editora pddagógica e Universitária, Ltda, 1990, p. 437.

argumentação”, respectivamente<sup>9</sup>). Por fim, apresentava-se um exemplo bem acabado do exercício, baseando-se, comumente, em autoridades antigas.

Em verdade, o objetivo principal de cada exercício era ensinar uma série de tópicos que se configuravam úteis, e necessárias, para o aprendizado de cada um dos gêneros da Retórica e partes do discurso. Por exemplo, exercícios como a *χρεία* (“questão”) e a *θέσις* (“tese”, “proposição”) eram importantes para a apreensão dos *tópoi* do gênero deliberativo; a refutação e confirmação o eram para o judicial, do mesmo modo que o encômio e o vitupério eram necessários para o gênero epidítico. A fábula, por exemplo, era útil, pois auxiliava os alunos na elaboração dos proêmios dos discursos, como vimos; e a descrição, por seu turno, se configurava técnica cara de dilatação às *narrationes*<sup>10</sup>. O estudo dos *Progymnasmata*, enfim, propiciava ao cidadão repertório retórico suficiente, não só para compor discursos, mas sobretudo para discernir o emprego dos tópicos tratados nos exercícios em diversos tipos de discurso, inclusive poéticos:

diversos tratados sobre *progymnasmata* sobreviveram. A razão pela qual os *progymnasmata* são classificados como uma categoria distinta dos gêneros é histórica, não lógica. Alguns dos *progymnasmata* poderiam ser categorizados com algum cuidado, caso se desejasse, sob um ou outro gênero de ramos maiores da retórica. A razão histórica para assim não se fazer, mas considerar *progymnasmata* como uma categoria separada de gêneros, é que estes exercícios escolares – que eram utilizados como trabalho preparatório aos jovens estudantes que aspiravam a ser instruídos sobre retórica e a praticar ramos superiores dela – foram reunidos para esse propósito já numa época bastante antiga, permaneceram juntos para esse propósito e inseriram-se na consciência de toda Antigüidade tardia como um grupo. Uma razão subsidiária é que, por terem sido exercícios primários, podem ser considerados como o instrumental formal retórico mínimo de qualquer homem letrado do período helenístico. Exemplos poéticos de *progymnasmata* não são incomuns. Talvez o mais conhecido seja Propércio, 2, 12 (um *kataskeue*), onde não só a estrutura retórica, mas também a particular matéria, como se sabe, corresponde a um exercício escolar romano real (ver Quintiliano, *Instituições Oratórias*, II, 4, 26). Outro *progymnasmata* poético bem conhecido é Juvenal, 6, um exemplo inflado de *thesis*: ‘deve um homem se casar?’<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Parece que com o tempo houve mudança na terminologia para se referir às categorias de argumentação dos exercícios: Teão e Aftônio passam a utilizar *κεφάλαια* e não mais *τόποι* (cf. TEÓN, HERMÓGENES, AFTONIO, *op. cit.*, 1991, pp. 19-20).

<sup>10</sup> Cf. RABE, H. *Rhetores Graeci* XIV, Leipzig, 1935, pp. 133-134 *apud* TEÓN, HERMOGENES, AFTONIO, *ib.*, p. 16.

<sup>11</sup> CAIRNS, *op. cit.*, 1972, p. 75. Tradução nossa.

Embora diversos rétores antigos tenham composto *progymnasmata*<sup>12</sup>, apenas quatro tratados, mais ou menos completos, chegaram até nós: os atribuídos a Élio Teão, Hermógenes, Aftônio e Nicolau de Mira. Do mesmo modo que diversos textos anteriores ao Medievo, os *progymnasmata* permaneceram inéditos no Ocidente até meados do século XV, quando eruditos de Constantinopla levaram esses textos para a Itália, onde foram posteriormente editados: a primeira edição dos *Exercícios Preparatórios* de Teão data de 1520 e foi dada a lume em Roma a cargo de Angelo Barbato; o grande editor Aldo Manucio foi o responsável pela *editio princeps* dos *progymnasmata* de Aftônio, publicada no ano de 1508, em Veneza – em 1513, J. Maria Cataneo publica a primeira tradução latina de Aftônio; e, finalmente, a edição primeira dos *Progymnasmata* de Hermógenes é dada a lume apenas em 1790<sup>13</sup> por Heeren, em Gottingen, embora todas as obras de Hermógenes fossem largamente conhecidas desde 1508, quando Manucio as publica<sup>14</sup>. Mesmo sendo tardia a *editio princeps* dos *Progymnasmata* de Hermógenes na Europa Ocidental, sabemos que seus *Exercícios Preparatórios* circularam na Latinidade mediante tradução elaborada por Prisciano de Cesaréia<sup>15</sup> no século VI d.C. Ainda que não seja uma tradução absolutamente fiel, já que Prisciano substitui os exemplos gregos por latinos, ela é de extrema importância, pois oferece uma tradução latina para o vocábulo *progymnasmata*, ou seja, *praeexercitamina*, empregado amiúde ao longo da Idade Média e do Renascimento.

---

<sup>12</sup> Infelizmente, os *Exercícios Preparatórios* de Harpocracião, Epifânio, Minuciano, Onésimo, Ulpiano, Paulo Tírio e Sópatro se perderam. Cf. RABE, H. *Rhetores Graeci X*, Leipzig, 1926, p. 52 ss. *apud* TÉON, HERMOGENES, AFTONIO, 1991, p. 17.

<sup>13</sup> A edição tardia dos *Exercícios Preparatórios* de Hermógenes se deve, em grande medida, à atenção que receberam os *progymnasmata* de Aftônio, renegando o tratado hermogeneiano ao esquecimento. Entretanto, indiretamente, esse sucesso de Aftônio se deve também ao próprio sucesso que os tratados de Hermógenes obtiveram por séculos na tradição bizantina: do mesmo modo que outros rétores da época, Aftônio compôs *progymnasmata* com o fito de introduzir os discípulos na Retórica de Hermógenes. Nossa suposição se baseia na *Suda* (4630), que nos oferece a seguinte informação sobre Aftônio: “Aftônio, sofista, escreveu *Exercícios Preparatórios* para a *Retórica* de Hermógenes”, Αφθόνιος, σοφιστής, ἔγραψε εἰς τὴν Ἐρμογένους τέχνην προγυμνάσματα (tradução nossa).

<sup>14</sup> Conforme introdução de Maria Dolores Reche Martínez para a tradução castelhana dos *Progymnasmata* de Teão, Hermógenes e Aftônio, se seguiram diversas edições dos *Exercícios* ao longo do século XVI e XVII; diversas delas eram bilingües, constando o original grego e a tradução latina. É necessário observar, ainda, que essas diversas edições só fazem indiciar a importância que os *progymnasmata* exerceram no aprendizado da Retórica nesse período, o que reforça, evidentemente, o caráter descontínuo de transmissão das técnicas de produção de discursos, enquanto perseverou a instituição retórica até meados do século XVIII (cf. HANSEN, J. A. *op. cit.*, 2006, p. 4).

<sup>15</sup> “*Praeexercitamina Prisciani Grammatici ex Hermogene uersa*” *apud* HALM, C. *Rhetores Latini Minores*. Leipzig, 1863, pp. 551-560.

O termo *progymnasmata*<sup>16</sup>, parece-nos, é utilizado pela primeira vez na *Retórica a Alexandre*, hoje atribuída a Anaxímenes de Lâmpsaco. Entretanto, seu emprego não possui exatamente o mesmo sentido que nos tratados de Teão e Aftônio. Autores como Reichel<sup>17</sup> afirmam que seu uso é apenas genérico, a compreender qualquer espécie de exercício – repare-se que a expressão γύμνασμα, literalmente, “exercício ginástico”, provém do verbo γυμνάζω, ou seja, “desnudar-se para a ginástica”, “fazer ginástica”. Outros, por seu turno, como Kennedy<sup>18</sup>, consideram que o vocábulo tenha sido incluído no manuscrito em época tardia. Seja como for, o registro de lições de retórica ministradas ao pupilo pelo γραμματικός ou pelo próprio σοφιστής datam desde, pelo menos, o século I a.C. – embora Platão (*O Sofista*, 253a.) já testemunhe a existência do ensino das letras: essa prática, ministrada por um mestre, é denominada γραμματική<sup>19</sup>. Também desde o primeiro século, sabemos da existência de *Exercícios Preparatórios* entre os autores latinos. Ora, na *Retórica a Herênio* (I, 1), logo no início, mais precisamente na epístola endereçada a Caio Herênio, o autor anônimo, em tom de obséquio, destaca a importância de exercícios à prática oratória:

[...] nos autem ea, quae uidebantur ad rationem dicendi pertinere, sumpsimus. Non enim spe quaestus aut gloria commoti uenimus ad scribendum, quemadmodum ceteri, sed ut industria nostra tuae morem geramus uoluntati. Nunc, ne nimium longa sumatur oratio, de re dicere incipiemus, si te unum illud monuerimus, artem sine adsiduitate dicendi non multum iuuare, ut intellegas hanc rationem praeceptionis ad exercitationem adcommodari oportere.

Nós, entretanto, adotamos aquilo que parece pertencer ao método do discurso, pois não viemos a escrever movidos pela glória ou pela expectativa de lucro, como os demais, e sim, para, com diligência, atender a tua vontade. Antes que esta fala se estenda demais, começaremos a tratar do assunto. **Apenas te advertiremos de que a arte sem**

---

<sup>16</sup> Inicialmente, o termo preferido pelos preceptistas era γυμνάσματα. Entretanto, progressivamente, o termo dá lugar a προγυμνάσματα a ponto de, já em Aftônio, ser este último o termo principal para se referir aos *Exercícios Preparatórios*. Γυμνάσματα, porém, não desaparece como termo técnico, uma vez que passa a significar as próprias declamações.

<sup>17</sup> REICHEL, G. *Quaestiones Progymnasmaticae*. Leipzig, 1909, p. 9 *apud* TÉON, HERMOGENES, AFTONIO, 1991, p. 14.

<sup>18</sup> KENNEDY. *Greek Rhetoric under Christian Emperors*. Princeton: Princeton University Press, 1983, p. 55.

<sup>19</sup> Entre os latinos, parece que também o ensino das letras é muito antigo. Marrou (*op. cit.*, 1990, p. 387) assinala que “de 600 antes de Cristo, mais ou menos, data a encantadora tabuleta de marfim de *Marsigliana d’Albegna*, que tem gravado na faixa superior do seu quadro um alfabeto arcaico muito completo, evidentemente destinado a servir de modelo ao escriba incipiente que se exercitava escrevendo na cera da tabuleta”.

assiduidade no dizer não aproveita muito, para que entendas que este método preceptivo deve ser acomodado ao exercício<sup>20</sup>.

Outras obras, como o *De Inventione* e o *De Oratore*, ambas de Cícero, fazem menção a exercícios preparatórios, como a fábula, a *chría*, o encômio e o lugar-comum. Quintiliano, por sua vez, não só lhes faz menção, mas também oferece expressão latina conveniente para designá-los: *primae exercitationes* (*Instituições Oratórias*, II, 4, 36). Assim, a partir do exposto, é possível supor com segurança que, à época de Marcial, tanto as escolas de Retórica, quanto a existência dos *progymnasmata*, como parte necessária do processo educativo, estavam consolidadas no cotidiano do principado, a indiciar, assim, o concurso nos epigramas de estratégias de discurso educadas, como sugere o seguinte poema:

II, 41

'Ride si sapis, o puella, ride'  
paelignus, puto, dixerat poeta:  
sed non dixerat omnibus puellis.  
Verum ut dixerit omnibus puellis,  
non dixit tibi: tu puella non es,  
et tres sunt tibi, Maximina, dentes,  
sed plane piceique buxeique.  
Quare si speculo mihi que credis,  
debes non aliter timere risum,  
quam uentum Spanius manumque Priscus,  
10  
quam cretata timet Fabulla nimum,  
cerussata timet Sabella solem.  
Vultus indue tu magis seueros,  
quam coniunx Priami nurusque maior;  
mimos ridiculi Philistionis  
15  
et conuiuia nequiora uita  
et quidquid lepida procacitate  
laxat perspicuo labella risu.  
Te maestae decet adsidere matri  
lugentique uirum piumue fratrem,  
20  
et tantum tragicis uacare Musis.  
At tu iudicium secuta nostrum  
plora, si sapis, o puella, plora.

“Ri se tens juízo, ó menina, ri!”  
Dissera o poeta peligno, creio eu,  
porém, a todas as meninas não dissera.  
Ainda que a todas as meninas tenha dito,  
5 não disse a ti: não és tu menina  
5  
e dentes, Maximina, tens apenas três,  
mas de pez e cor de buxo são inteiramente.  
Por isso, se crês em mim e no espelho,  
deves temer o riso não de outro modo,  
que Espânio teme o vento e Prisco uma mão,  
10  
Fabula, coberta de greda, a chuva  
e Sabella, toda coberta de alvaiade, o sol.  
Veste, portanto, um semblante mais severo  
que a esposa de Príamo e sua nora mais velha;  
os mimos de Filistião ridículo  
15  
e os banquetes mais devassos evita,  
como tudo que, pela elegante lascívia,  
faz os lábios em claro riso desatarem.  
Convém te sentares junto a uma lacrimosa mãe  
a lamentar o marido ou o pio irmão  
20  
e somente prestar atenção nas Musas trágicas.  
Tendo tu, porém, a meu juízo obedecido:  
“chora se tens juízo, ó menina, chora!”

<sup>20</sup> [CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005, p. 15. Grifo nosso.

O longo epigrama opera o vitupério nos sete primeiros versos, revelando a feiúra da mulher mediante breve notação da falta de dentes (v. 6) e o negrume dos três que lhe restam; em seguida o poeta perfaz a censura pela apresentação do ato vil e dissuade o vício ao demonstrar a conduta entendida como virtuosa, decorosa à matrona. O epigrama postula a mesma relação de adequação entre conduta e idade que faz Quintiliano (*Instituições Oratórias*, V, 10, 25), quando prescreve os lugares do retrato: “[...] idade, pois uns comportamentos se ajustam mais a algumas idades, outros a outras”, *aetas, (quia aliud aliis annis magis conuenit)*. Além disso, a lição do poema também abrange o âmbito poético ao estabelecer a devida conveniência, de um lado, entre a falta de seriedade da juventude e os mimos (v. 15) e, de outro, entre a gravidade própria dos gêneros altos, como no caso a tragédia, e a prudência, digna da velhice.

Em termos retóricos, o epigrama aplica com sucesso diversas tópicas discursivas que, ao fim e ao cabo, instigam a memória “cultural” do leitor, formado, como se viu, no interior da educação retórica, movendo e deleitando, mediante o uso engenhoso dessas mesmas tópicas, que, no gênero do epigrama, mais que virtude do discurso é verdadeira *lex operis*. Portanto, é lícito compreendê-lo como um verdadeiro exemplo epigramático de *progymnasmata*, mais especificamente, como um exemplo de *chría*. Eis a definição que dela nos oferece Teão:

Teão, 96, CHRÍA

Χρεία ἐστὶ σύντομος ἀπόφασις ἢ πράξις μετ’ εὐστοχίας ἀναφερομένη εἰς τι ὀρισμένον πρόσωπον ἢ ἀναλογούν προσώπω, παράκειται δὲ αὐτῇ γνώμη καὶ ἀπομνημόνευμα· πασα γὰρ γνώμη σύντομος εἰς πρόσωπον ἀναφερομένη χρεῖαν ποιεῖ, καὶ τὸ ἀπομνημόνευμα δὲ πράξις ἐστὶν ἢ λόγος βιωφελής.

*Chría* é uma sentença concisa ou uma ação que faz remontar, com argúcia, a um determinado personagem ou a equivalente a algum personagem. Relacionam-se com ela a máxima e o dito memorável, pois toda máxima concisa atribuída a um personagem produz uma *chría*, e o dito memorável é uma ação ou sentença útil à vida<sup>21</sup>.

Analogamente, Quintiliano (*Instituições Oratórias*, I, 9, 4-5) assim a define:

---

<sup>21</sup> A. THEON, *op. cit.*, 1997, p. 18. Tradução nossa.



[...] Chriarum plura genera traduntur: unum simile sententiae, quod est positum in uoce simplici: 'dixit ille' aut 'dicere solebat'; alterum quod est in respondendo: 'interrogatus ille', uel 'cum hoc ei dictum esset, respondit'; tertium huic non dissimile: 'cum quis dixisset aliquid' uel 'fecisset'. Etiam in ipsorum factis esse chriarum putant, ut: 'Crates, cum indoctum puerum uidisset, paedagogum eius percussit' [...]

[...] Contam-se diversas espécies de *Chrías*: uma é símile à sentença, que é disposta num único enunciado: 'disse ele' ou 'costumava dizer'; outra, numa resposta: 'Ele, interrogado' ou "como lhe fosse dito isso, respondeu"; uma terceira, não dessemelhante a esta, é: 'como alguém [lhe] houvesse dito' ou 'feito algo'. Alguns autores também julgam haver *chría* nas ações destas mesmas pessoas, como: 'Crates, como tivesse visto um menino grosseiro, castigou seu professor'<sup>22</sup>. [...]

Os dois autores apontam a semelhança da *chría* (χρεία) com a sentença, a γνώμη ou, em latim, *sententia*. Sem dúvida, ambas possuem caráter gnômico-sapiencial, diferenciando-se apenas pelo fato de a *chría* ser uma sentença atribuída (ou uma ação, no caso de Quintiliano) a “determinado personagem ou a equivalente a algum personagem”, τι ὀρισμῆνον πρόσωπον ἢ ἀναλογοῦν πρόσωπον, emprestando a ela sua autoridade, enquanto a sentença, sem atribuição, é um dito cuja importância se encerra nela mesma: é, como doutrina Teão, uma “sentença útil à vida”, λόγος βιωφελής. Os dois primeiros versos do epigrama II, 41 se iniciam com uma *chría* atribuída, por sinédoque, a Ovídio: “Ri se tens juízo, ó menina, ri!”/ Dissera o poeta peligno, creio eu”, *'Ride si sapis, o puella, ride'/ paelignus, puto, dixerat poeta*. O engenho de Marcial se revela logo em seguida, isto é, antes de se constituir o conselho adequado, o verso de Ovídio configura justamente a conduta que a interlocutora do poeta não deve seguir: “porém, a todas as meninas não dissera./ Ainda que a todas as meninas tenha dito,/ não disse a ti: não és tu menina/ e dentes, Maximina, tens apenas três,/ mas de pez e cor de buxo são inteiramente”, *sed non dixerat omnibus puellis. / Verum ut dixerit omnibus puellis,/ non dixit tibi: tu puella non es,/ et tres sunt tibi, Maximina, dentes,/ sed plane piceique buxeique*. Ironicamente, o verdadeiro conselho da fala epigramática, que demonstra agudeza, revela-se no último verso do epigrama, na paródia que faz do verso ovidiano: “chora, se tens juízo, ó menina, chora!”, *plora, si sapis, o puella, plora*. Ora, embora o verso utilizado por Marcial como *chría* não tenha se conservado nas obras que nos

---

<sup>22</sup> Tradução nossa.

chegaram de Ovídio, sabemos que, n' *A Arte de Amar*<sup>23</sup>, III, 279-282, o poeta dos *Amores* não só prescreve a necessidade de decoro ao riso, mas sobretudo o repugna a mulheres cujos dentes são negros ou defeituosos:

Si niger aut ingens aut non erit ordine natus dens tibi, ridendo maxima damna feres.	Dentuça desigual, ou negra, ou desconforme, traz có'o o prazer do riso um prejuízo enorme.
Quis credat? Discunt etiam ridere puellae, quaeritur atque illis hac quoque parte decor.	De arte precisa a dama, até quando se alegra; crede, é só graça o rir na que se ri com graça.

---

<sup>23</sup> Tradução de Antônio Feliciano de Castilho.